

Contribuições ao estudo da crônica esportiva 1: a "contracrônica" esportiva de Lima Barreto

**Doutorando em
Antropologia Social pela
USP, Membro do Núcleo
de Antropologia Urbana/
USP, bolsista CNPq, autor
do livro **Torcidas
Organizadas de
Futebol**, ANPOCS/
Autores Associados, 1996.*

Luiz Henrique de Toledo*

Foot-ballers alerta!

Va ser fundada a "Liga contra o foot-ball"

*Certo a notícia da criação de uma liga cujo
fim é combater o "foot-ball", sem treguas (...) va
causar o mesmo efeito que causaria uma bomba
deixada cair por um avião, em um sábado, à tarde,
na Avenida Rio Branco.*

*O "foot-ball" ameaçado de guerra? O sport
que, em pouco tempo, conseguiu empolgar o Brasil,
de norte a sul, de leste a oeste?*

*Não é possível, dirão os milhares de "foot-
ballers" brasileiros e dirão milhares de
"torcedores".*

*Mas é um facto a Liga e são seus fundadores
os srs Dr. Mario de Miranda Valverde, medico e
comissionario de hygiene municipal; Dr. Antonio
Noronha dos Santos, advogado e jornalista; Dr.
Coelho Cavalcanti, homem de letras e jornalista;
Lima Barreto, homem de letras e funcionario
publico aposentado; Licio Barbosa, funcionario
publico.*

A Liga pretende combater o apreciado e

popular sport pela imprensa, em conferências e fundará para isto, especialmente, um semanário(...) (Jornal do Brasil, 13 de março de 1919)

¹ Como aponta Souza Neves "(...)São muitas as invenções que povoam o cotidiano dos cariocas na virada do século XIX para o século XX. A crônica, na sua acepção moderna, é uma delas(...)" (SOUZA NEVES, 1992:77). O gênero crônica, ainda segundo a autora, "(...)identificava prioritariamente com a instauração da institucionalidade republicana e com a implantação de reformas cujo paradigma [era] o europeu (...)" (idem, 1992:85).

² Para uma verificação de como o futebol impactava o olhar e a sensibilidade dos cronistas em São Paulo num momento crucial de intensa metropolização da cidade consultar o primeiro capítulo de Orfeu Extático na Metrópole, e o texto Futebol, Metrópole e Desatinos, ambos de Nicolau Sevcenko, citados na bibliografia.

É inegável o tom exasperado, com toda a carga irônica que lhe cabe, do manifesto acima. Testemunho embrionário, contudo extremamente instigante e revelador, de uma discordância tão apaixonante quanto o próprio esporte o era, e ainda o é, para os seus aficionados, praticantes e assistentes. Significativa também foi a forma de organização que os senhores que assinaram a lista propuseram para externar tamanha e vigorosa repulsa: a formação de uma *liga*, configuração coletiva de organização muito comum ao longo de todo o processo que culminou com a institucionalização do futebol, aqui e alhures, como demonstra hoje toda uma bibliografia.

Tais discordâncias (e simpatias) em relação aos esportes, salientando o futebol em particular e talvez o mais interessante e contumaz entre os cronistas contendores, Lima Barreto, ganharam dimensões e matizes surpreendentes com a vulgarização da crônica desde o início do século XX¹, dadas as características deste gênero literário, que tem como fundamentos trazer uma gama imensa de temas cotidianos *colados ao seu tempo*², colocando à baila acontecimentos então candentes, como o próprio futebol. De modo significativo, mesmo antes da *reinvenção* da crônica esportiva implementada pela atuação inovadora de Mário Filho, a partir de 1926³, autores como João do Rio, Alcântara Machado e o próprio Lima Barreto, este último declaradamente um *desafeto* dos esportes, já pautavam o futebol como tema de seus escritos. E, como nos lembra Antonio Candido, uma das características deste gênero é justamente evidenciar os fatos e

acontecimentos no seu processo de efervescência e criação cultural:

"(...)Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitas(...)" (CANDIDO, 1992:14).

Para além da aparente descrição desinteressada da *vida ao rés-do-chão*⁴ das crônicas, proponho traçar, através da atuação destacada de Lima Barreto como cronista⁵, embora, obviamente, este autor não seja caracterizado como um *cronista esportivo*, um outro itinerário para se compreender o processo de inserção dos esportes no país, comumente associado ao advento do desenvolvimento industrial e a metropolização dos centros urbanos⁶. Lima Barreto foi suficientemente claro, contundente e cético na sua opinião sobre os esportes e o intuito desse artigo é mostrar que as argumentações e *ranhéticas* do autor também podem revelar o inexorável desenvolvimento deste esporte no Brasil, ainda que sob um ponto de vista inusitado, quer pela denúncia um tanto quanto alarmista que fez, é verdade, mas também pelo paralelismo quase que instintivo que o autor estabeleceu entre o futebol e toda a nova ordem republicana que viu florescer e, segundo suas convicções políticas, filosóficas e vicissitudes pessoais, rapidamente fenece.

Para tanto, devo seguir, em linhas gerais, algumas das argumentações de Norbert Elias que esclarece que não devemos conceber o desenvolvimento dos esportes como simples *séries de atividades acidentais*, onde

"(...)o crescimento da forma 'adulta' de um desporto não pode ser apresentado de modo adequado, se for encarado antes, como um

³ Uma minuciosa e interessantíssima análise sobre a reinvenção da crônica esportiva, salientando todo o esforço, combatividade e criatividade para se estabelecer as bases do profissionalismo, bem como a incorporação das massas ao futebol a partir da atuação de Mário Filho podem ser consultadas no texto A vitória do futebol que incorporou a pelada, de José Sérgio Leite Lopes. Sobre tal ação inovadora do referido cronista este autor coloca que "(...)o futebol só ocupava uma ou duas colunas de página, a preferência indo para as regatas. Esse estado de coisas caracterizava as páginas esportivas dos jornais em 1927, os repórteres esportivos ocupavam a posição mais baixa da hierarquia dos jornalistas, os que cobriam o futebol escorando seus pobres salários com as refeições que os clubes lhes ofereciam nos dias de treino. Mário Filho mudou esse estado de coisas antecipando a produção de notícias desde os treinos ou os momentos que precedem os jogos, fabricando eventos, entrevistando os jogadores ou contando suas biografias (CASTRO apud LOPES, 1994:68).

⁴ Este termo foi utilizado por Antonio Cândido na caracterização deste importante gênero literário que são as crônicas. Para maiores detalhes consultar a coletânea A Crônica, citada na bibliografia.

⁵ Após a sua aposentadoria em 1919, Lima Barreto escreverá para vários órgãos da imprensa, tais como ABC, Hoje, no Rio-Jornal, na A Notícia, no O País, na Gazeta de Notícias e na Careta. Para maiores detalhes consultar Assis Barbosa, citado.

⁶ Guardadas as proporções e os desdobramentos históricos diferenciados, poderemos retomar aqui algumas argumentações que Norbert Elias teceu para o contexto europeu, onde salienta que "(...)Sem dúvida que a industrialização e a urbanização desempenharam um papel no desenvolvimento e na difusão das formas de ocupação de tempo livre com as características de 'desporto', mas também é possível que, tanto a industrialização como a desportivização, tenham sido sintomáticas de uma transformação mais profunda das sociedades européias, que exigiam de seus membros individuais uma maior regularidade e diferenciação de comportamentos (...)"(ELIAS, 1995:225).

emaranhado fortuito de atividades e de decisões de alguns indivíduos ou grupos conhecidos. Nem pode ser apresentado de modo adequado, de acordo com o que sugerem as teorias sociológicas correntes, como séries de 'mudanças sociais'. As alterações que se podem observar no desenvolvimento dos desportos (...) possuem não só um padrão mas uma direção próprios (...)" (ELIAS, 1995:231).

Elias, portanto, intenta, com o uso da expressão *cadeias de interdependência*, mostrar que os esportes não são subprodutos desses processos mais globais, mas, ao contrário, fazem parte deles de modo inter-relacionado, havendo um profundo paralelismo entre configurações sociais, políticas e econômicas e o advento dos esportes. Tomando a Inglaterra como um caso paradigmático salienta que

"(...) É difícil considerar como um mero acidente o fato de os passatempos relativamente mais violentos e menos regulamentados das classes proprietárias de terras se terem transformado em passatempos relativamente menos violentos e mais minuciosamente regulamentados, que deram à expressão 'desporto' o seu sentido moderno, no mesmo período em que essas classes sociais renunciaram à violência e aprenderam a forma de autodomínio mais elevada exigida pela via de controle parlamentar e, em especial, pela mudança de governos (...)" (ELIAS, 1995:254).

Acredito que a *esportificação*⁷ de determinadas esferas de sociabilidade desde o começo do século XX no Brasil pode ser compreendida também pela destacada tomada de posição que Lima Barreto implementou

diante do fenômeno esportivo, acima de tudo no tocante a sua incisiva e insistente denúncia da violência⁸, ao meu ver intimamente relacionada ao aspecto da disciplina e autocontrole emocional de excitação e êxtase proporcionados pelas partidas, sobretudo num momento em que o consenso a respeito das regras e das condutas esportivas individuais, coletivas e institucionais estavam pouco consolidadas⁹. Prova disso é o fragmento de relatório de uma das ligas paulistas, a APEA (Associação Paulista de Esportes Atlético) a respeito "do eterno problema dos juízes", no ano de 1915:

"(...)O sistema até hoje adotado pela Associação não tem dado resultados esperados, vendo-se a diretoria frequentemente em sérios embaraços para escolher um juiz à última hora porque o que fora designado para aquele mister escusou-se no último momento. O que tem acontecido é que os diretores têm-se visto na contingência de laçar um juiz nas arquibancadas para evitar o início do jogo sem um árbitro, e geralmente os resultados não foram os mais satisfatórios, porque o juiz [sic] não sabia desempenhar o seu cargo. Daí o descontentamento dos times contendores, as errôneas decisões do juiz e a conseqüente vaia do público. É um problema muito sério para a solução do qual muito precisamos meditar (...)" (MAZZONI, 1949:107).

É surpreendente o relato acima no tocante ao grau de improvisação na escolha de um dos elementos basilares no arranjo de qualquer esporte coletivo profissional, a presença daquele que aplica as regras em campo. Ainda que, como sabemos, a observância das mesmas sempre esteve ao sabor das interpretações dos árbitros,

⁷ Este neologismo busca mostrar que, segundo Norbert Elias, o processo de constituição e consolidação das atividades esportivas, sobretudo em Inglaterra, foi precedido por uma transformação de algumas atividades lúdicas, a caça a raposa é o exemplo paradigmático, até adquirirem configurações mais estáveis na forma dos desportos.

⁸ Na Crônica O Football o autor alerta para o fato de que "(...)Todo o dia e toda a hora ele [o futebol] enche o noticiário dos jornais com notas de malefícios e, mais do que isto, de assassinatos(...)"(BARRETO, Careta, Rio, 1-7-22. In Marginália, 1956:153).

⁹ Segundo Mazzoni (1949), as regras do futebol foram traduzidas do inglês para o português no ano de 1903 por Mario Cardim, cronista do Estado de São Paulo, numa edição da Casa Vanordem intitulada Guia Esportivo. A título de exemplo da diversidade com que eram disputadas as partidas de futebol no início do século, poderíamos mencionar o primeiro clássico entre Grêmio versus Internacional, em 1909, na cidade de Porto Alegre. Consta que nos jogos daquela época havia a presença de juizes de gol, ou seja, indivíduos situados próximos as goleiras (as traves) no intuito de confirmar ou não os gols, pois não havia redes que abrigassem as bolas após os tentos (NORONHA & COIMBRA, 1994). Fatos inusitados como este podem ser constatados por todo o Brasil neste período de pré-uniformização das regras e da dinâmica institucional do futebol profissional.

condicionadas em última instância às decisões pessoais, o que inegavelmente acarreta polêmicas até hoje, entretanto parece claro que naquele momento o “problema dos juizes” constituía-se menos em uma má escolha do árbitro ou até de simples aplicação das regras mas toda uma carência institucional no tocante a organização e suporte formal dado às partidas. É importante ressaltar também que não era raro a cisão e o afastamento de times das ligas, e conseqüente formação de outras, pelo fato de um ou mais clubes não concordarem com estatutos ou decisões tomadas unilateralmente por outros clubes. Fatos que se avolumam nos relatos das primeiras décadas de existência do futebol no país:

“(…)Não tendo sido satisfeita a sua ambição nos estatutos aprovados em 21 de março de 1921, os clubes da segunda divisão que de há muito desejavam uma lei que facultasse o seu acesso à divisão superior, pediram demissão em quasi sua totalidade, indo constituir uma outra entidade esportiva a que deram o nome de Federação Paulista de Desportos(…)”(ANUÁRIO DA APEA. In MAZZONI, 1949:160).

E ainda no que concerne as regras Norbert Elias salienta que

“(…)As configurações constituem, no estudo dos desportos, o fulcro da investigação. O desporto — qualquer que seja — é uma atividade de grupo organizada, centrada num confronto entre, pelo menos, duas partes. Exige um certo tipo de esforço físico. Realiza-se de acordo com regras conhecidas, que definem os limites da violência que são autorizados, incluindo aquelas que definem se a força física pode ser totalmente

aplicada. As regras determinam a configuração inicial dos jogadores e dos seus padrões dinâmicos de acordo com o desenrolar da prova (...) (ELIAS, 1995:230).

Sustento, ainda, que o processo de institucionalização do futebol no Brasil pode ser observado paralelamente aos processos de consolidação do Estado e da nação brasileira. E Lima Barreto, mordaz observador e cronista desses dois fenômenos, vivenciou um dos períodos mais interessantes do ponto de vista da **instabilidade** tanto deste *Estado-nação*¹⁰ quanto da configuração do futebol e os conflitos e disputas entre times e ligas anteriores ao processo de *pacificação* das elites que dirigiam as instituições esportivas de sua época. Pacificação¹¹ que possibilitou, *a posteriori*, ao menos em parte, um envolvimento mais entusiasta dos setores populares no campo esportivo graças a expansão de uma demanda gerada pelo futebol profissional, o que, logicamente, não implicou num abandono das elites do universo gerencial deste esporte. Não é por acaso que o futebol inicia o seu processo de profissionalização e unificação das ligas e confederações esportivas após 1930, consolidado no Estado Novo, período em que houve um empenho grandioso em torno do projeto getulista no estabelecimento das bases políticas de um Estado ainda mais centralizado, burocrático e mais presente e permanente na maior parte do território.

De modo geral, a declarada antipatia de Lima Barreto pelos esportes, sobretudo pelas características que se evidenciavam de maneira assustadora para o autor, ou seja, o conflito, a agressividade e a competição¹², coadunava com sua visão do processo de transição da monarquia para a república, a qual Lima Barreto, mas

¹⁰ É Sevcenko que sintetiza a instabilidade política que se seguiu ao advento dos primeiros anos de República: “(...)Sem possuir propriamente uma nação e com um Estado reduzido ao servilismo político, o Brasil carecia, portanto, de uma ação reformadora nesses dois sentidos; construir a nação e remodelar o Estado, ou seja, modernizar a estrutura social e política do país. Foram esses os dois parâmetros básicos de toda a produção intelectual preocupada com a atualização do Brasil face ao exemplo europeu e americano(…)” (SEVCENKO, 1995:83).

¹¹ É preciso deixar claro que o uso do termo pacificação não remete a uma situação onde o conflito e a existência de contrários deixa de existir. Ele indica aqui tão somente o maior ou menor grau de consenso e legitimação em torno de regras e propósitos minimamente exigidos para a consolidação de uma dada configuração coletiva (uma associação, um clube, uma liga, etc).

¹² Em Bêndito Football, o autor coloca que tal esporte “(...)tem conseguida graças a apostas belicosas e rancorosas, estabelecer não só a rivalidade entre vários bairros da cidade (do Rio de Janeiro), mas também o dissídio entre as divisões políticas do Brasil. Haja vista o que se tem passado entre São Paulo e Rio de Janeiro e vice-versa, por causa do jogo de pontapés na bola(…)” (BARRETO, 1-10-1921. In Feiras e Mafuás, 1956).

13 Em sua crônica denominada *Será Sempre Assim?*, Lima Barreto expõe toda esta carga de descrença na política e no sistema eleitoral em vigor: "(...) é de lamentar que a ciência e a imaginação humana não tenham encontrado um meio relativamente seguro para escolher os dirigentes e representantes de um país; e que essa escolha seja feita alicerçando-se na inconsciência dos infelizes, por isso ou por aquilo, quase sempre pobríssimos, senão miseráveis, vivendo de profissões equívocas ou não vivendo de nada. Será sempre assim a Política(...)" (BARRETO, ABC, Rio, 7-1-1922. In Marginália, 1956)

também todo um segmento da intelectualidade, era um dos mais descrentes¹³, por se ver alijado do processo reformista ao qual anseou, como outros, participar:

"(...)A imensa transformação social, econômica e cultural que eles ajudaram a realizar [o advento da Abolição e da República], atuando como catalisadores de processos históricos, tomou um rumo inesperado e contrário às suas expectativas. Ao invés de entrarem [os intelectuais] para um universo fundado nos valores da razão e do conhecimento, que premiasse a inteligência e a competência com o prestígio e as posições de comando, viram tudo reduzido ao mais volúvel dos valores: o valor do mercado(...)" (SEVCENKO, 1995: 92).

Assim, parte da discórdia que Lima Barreto alimentava e propagava pelo futebol estava inserida numa ordem propulsora e avassaladora que mudava hábitos, gostos, estilos de vida, sociabilidade, sensações, éticas, em favor de um contexto que já apontava para uma transnacionalidade, para um cosmopolitismo, para uma sensibilidade da vida pública mais burguesa, universal e competitiva. Contexto que não coadunava com suas mais verdadeiras convicções e ideais como escritor e cidadão, como explicita o fragmento a seguir ao analisar a importância da temática da *solidariedade* em sua obra:

"(...)O primeiro sintoma da autenticidade dessa convicção é o sentimento misto de desprezo e náusea que o autor votava a toda e qualquer atitude, emoção, símbolo, objeto ou pessoa que pudesse significar uma ameaça para a identificação profunda entre todos os seres humanos. Assim era com a concorrência, as

rivalidades, as hostilidades, os animais ferozes, os galos de briga, os esportes violentos¹⁴, a guerra, os motins e levantes, qualquer forma de conflito e violência enfim(...)" (SEVCENKO, 1995: 183).

Se, num primeiro instante, as palavras do ideário político e social de reformas eram democracia, cidadania, encabeçadas por um vocábulo ainda mais paradigmático na época, *República*, utopias largamente vividas e avalizadas por significativo segmento da intelectualidade, em grande medida *cientificista* e crente na inexorabilidade do progresso como um valor, porém, o desenrolar dos fatos e arranjos políticos logo fez com que intelectuais como Lima Barreto questionassem a maneira como todo esta nova ordem estava sendo gestada e administrada e que, na sua perspectiva, revelava vícios de toda a espécie, como se pode observar em crônicas como *Sobre a Carestia*:

"(...)A nossa república, com o exemplo de São Paulo, se transformou no domínio de um feroz sindicato de argentários cúpidos, com os quais só se pode lutar com armas na mão. Deles saem todas as autoridades; deles são os grandes jornais; deles saem as graças e os privilégios; e sobre a Nação eles teceram uma rede de malhas estreitas, por onde não passa senão aquilo que lhes convém(...)" (BARRETO, *O Debate*, Rio, 15-9-1917. In Marginália, 1956).

E é contra toda esta ordem e estado de coisas que Lima Barreto, ora de modo ambíguo até, como apontam alguns autores¹⁵, ora de modo quase que programático, se rebelava com veemência. Desse modo, uma das denúncias reiteradas em suas crônicas era a presença das *suntuosidades republicanas* sustentadas pela nefasta promiscuidade e troca de favores existentes entre a elite

14 Grifo do autor deste artigo.

15 Parece oscilar por toda a obra de Lima Barreto sua opção política, estética e social entre o passado monarca e a nova ordem republicana. A crítica que segue sobre o autor e sua obra é esclarecedora em apontar sua ambigüidade: "(...)Esse amor [pela cidade do Rio de Janeiro] operaria o milagre de torná-lo tradicionalista. O mesmo homem que afirmava não gostar do passado, no qual via uma fonte de preconceitos, insurgia-se contra qualquer obra que implicasse na destruição de velhos edifícios, ligados à história ou ao aspecto do Rio. Aliás, o seu desamor ao passado não seria tão nítido como dizia; sucessivamente anarquista e 'maximalista', como então se chamavam os partidários da revolução russa, teve, não obstante, inegável simpatia pelo Império; não perdia vaza de compará-lo à República, sempre em detrimento desta(...)" (MIGUEL-PEREIRA, 1957:314).

¹⁶ Lima Barreto denuncia de modo enfático a exclusão dos negros no futebol. Como aponta Rodrigues Filho "(...) O objetivo que norteava a sua literatura militante reaparece em seu jornalismo combatente, em face do notório elitismo e do indistarcável preconceito social e, sobretudo racial, que marcava a atividade clubística e futebolística. Certamente a negação ao futebol é uma metonímia e, mais do que isso, uma alegoria do que ele comportava como significação implícita: a discriminação e o preconceito, não fosse Lima Barreto o escritor e jornalista que dedicou o melhor de seu talento à causa da justiça e da solidariedade(...) optando pelo combate em demanda de reconhecimento, contra a posição cômoda de renunciar à luta, em favor de uma vida intelectual conformada(...)". (RODRIGUES FILHO, 1995:46)

¹⁷ Outra crônica lapidar para se verificar o modo contundente com que o autor denuncia a violência dos esportes é Uma Conferência Esportiva, publicada em 1921 na Careta e reunida na coletânea Coisas do Reino de Jambom, de 1957.

e o poder. Constatções que se evidenciavam também entre aqueles que jogavam e praticavam o futebol, como, por exemplo, verificamos em crônicas como *País Rico*:

"(...)Não há dúvida alguma que o Brasil é um país muito rico(...) e tão rico é ele, que apesar de não cuidar dessas cousas que vim enumerando [epidemias, miséria, ausência de escolas], vai dar trezentos contos para alguns lagatões irem ao estrangeiro divertir-se com jogos de bola como se fossem crianças de calças curtas, a brincar nos recreios dos colégios(...)" (BARRETO, Careta, Rio, 4-12-1920. In Marginália, 1957:41).

Porém, muito embora os vínculos que o autor estabeleceu entre os praticantes do futebol e os mandatários e governantes tenham sido esclarecedores para se compreender o seu ponto de divergência para com o esporte, denunciando a prática de um futebol elitista e por vezes racista ¹⁶, fatos já apontados por vários estudiosos que são consensuais em demonstrarem o caráter refratário do futebol brasileiro deste período no tocante a participação popular, não menos significativas e reveladoras foram as injunções que Lima Barreto teceu sobre outro fenômeno que igualmente, ou até mais, o preocupou em suas crônicas, ou seja, a violência física com que eram disputadas as partidas de futebol. Este fato é extremamente significativo se pensarmos no desenvolvimento institucional do futebol brasileiro nos termos em que foi colocado por Norbert Elias, onde, mais uma vez saliento, parece haver uma confluência entre as configurações esportivas e os níveis de violência e conflitos disseminados na sociedade. Tomemos um fragmento da crônica ¹⁷ intitulada *Diver-timento?* onde o autor critica e denuncia tais excessos:

"(...)Coisa parecida se passou no campo do Bangu; coisa parecida se passou no ground do

Fluminense; coisa parecida se passou no Inhaúma Football Clube; e por todo este vasto Rio de Janeiro se deram conflitos, alguns sangrentos, por causa do football(...)" (BARRETO, Careta, Rio, 4-12-1920. In Marginália, 1957:116).

O excerto acima não altera substantivamente a opinião corrente que Lima Barreto sustentava, olímpicamente, sobre os esportes. Tampouco diverge de seus ideais humanistas de solidariedade apontados mais acima, porém, na mesma crônica, curiosamente, como que antevendo o próprio desenvolvimento institucional do referido esporte, o autor relativiza tais denúncias, ou melhor, recoloca a questão de modo bastante pertinente sobretudo se observarmos a convergência surpreendente entre o período em que está escrevendo e a configuração em que se encontrava o futebol naquele momento. Nas frases seguintes ele arremata:

"(...)Não quero que se acabe com semelhante jogo; como não quero que se acabe com a capoeiragem. Lastimo até o desaparecimento dos Nagoas e Santa-Ritas.

É preciso porém, dar os nomes aos bois. Essa coisa não é divertimento, não é esporte.

Pode ser tudo, nunca isto.

Nos Estados Unidos, conta J. Huret, quando se dá o tradicional encontro entre as universidades de Yale e Harvard, os jogadores vão quase com armaduras e tomam a precaução de levar médicos, enfermeiros e boticas.

Os nossos patrícios que gostam de semelhantes justas, devem seguir o exemplo dos americanos.

Seria mais lógico...(...)" (idem, ibidem).

18 É novamente Sevcenko que sintetiza a atitude de Lima Barreto ante as correntes políticas que pregavam a disensão: "(...)A crítica renitente de Lima Barreto se dirigia claramente contra cinco correntes políticas difusas e mais ou menos intercambiáveis: o jacobinismo, o positivismo (enquanto corrente política e não filosófica), o florianismo, o hermismo e o republicanismo exaltado. (...)O que chocava particularmente o escritor era o caráter de discurso fechado dessas ideologias, fundadas num corpo básico de princípios que tinha como principal virtude dividir os homens em correligionários e inimigos (...)" (SEVCENKO, 1995:171-172).

É revelador observar como Lima Barreto, nesta crônica um tanto quanto distoante das demais que versam sobre o mesmo assunto, alertou para a necessidade de um maior autocontrole da violência nos termos em que tais disputas estavam sustentadas, propondo, inclusive, o ingresso de outros atores (*profissionais?*) que se prestassem a dar suporte e transformar *aquilo* que lia nos *cotidianos*, e que definitivamente não era *divertimento ou esporte*, em esporte. A instabilidade no cumprimento das regras do futebol, fator fundamental para se verificar a dinâmica e o gradiente de violência de atividades coletivas de cunho esportivo, despertou a atenção e colaborou para que o intelectual, num contido tom reivindicatório, mas inconstante ironia, vislumbrasse e denunciasses a *imaturidade* configuracional deste esporte. Se a sua desaprovação aos esportes em geral era fruto de uma série de fatores extrínsecos ao campo esportivo, dadas as suas convicções e ideais de sociedade¹⁸, no entanto, podemos constatar que o próprio desenvolvimento do futebol, e fatores intrínsecos a sua constituição, tais como o controle da excitação e da violência, colaboraram para reforçar ainda mais tais opiniões disparadas pelo autor nas suas crônicas.

Ainda que o desenvolvimento do fenômeno esportivo no Brasil não esteja vinculado diretamente a um processo semelhante ao inglês, a *importação* e a vertiginosa expansão de configurações esportivas mais estáveis, tais como que ocorreu com o futebol, combinando níveis de excitação, prazer e tensão já equalizados por regras consolidadas alhures, no tocante aos limites e exercício do uso da violência e esforço físico, não impediram o seu desenvolvimento *sui generis* e em muito condicionado pela esfera política e cultural o qual esteve imerso, desde o primeiro instante, no caso brasileiro. O prévio

conhecimento das regras do futebol não significou a imediata internalização e consenso das mesmas, sequer a formação de um suporte institucional coerente que as legitimassem. Situação homóloga às próprias vicissitudes históricas do período, se observarmos os mecanismos políticos pouco representativos e o grau de violência existente na esfera pública, onde, apenas supostamente, os direitos cidadãos haviam alcançado um outro estatuto com o advento da República e dos ideais democráticos propagados. Fatos que, tudo indica, não escaparam à argúcia e virulenta crítica do intelectual.

Mais que um testemunho solitário e tomada de posição pessoal ante o fenômeno esportivo, as crônicas de Lima Barreto iluminam e acenam para um momento significativo do desenvolvimento do futebol e dos desportos no país. E, mais ainda, o futebol de sua época, antes da primeira grande ingerência por parte do Estado nos esportes e antes de ser reelaborado culturalmente em *símbolo nacional*, já consistia em uma das possíveis *configurações culturais* por onde se poderia ler o Brasil do período, acima de tudo pelo seu débil nível de organização e limites no exercício da resolução de conflitos em torno de instituições (ligas, confederações e times) mais estáveis e do cumprimento de regras mais abstratas e impessoais.

Portanto, as idéias de Lima Barreto, aparentemente longínquas e marginais, aparecem como uma espécie de *gancho erótico* que sinaliza para a relação entre o arranjo *configuracional* do referido esporte e os processos sociais em curso nas primeiras décadas do século XX. Mesmo que distoando de posições mais evidentes e engajadas, anteviram as demandas para uma maior institucionalização e popularização do futebol, sobretudo se observarmos os seguidos desdobramentos, ainda em andamento, de legitimação, inserção e disputas entre os

Mais que um testemunho solitário e tomada de posição pessoal ante o fenômeno esportivo, as crônicas de Lima Barreto iluminam e acenam para um momento significativo do desenvolvimento do futebol e dos desportos no país.

¹⁹ Existe, atualmente, todo um esforço por parte dos dirigentes em utilizar a tecnologia e a mídia, sobretudo o vídeo, para conter a violência entre torcedores, ou mesmo qualquer atitude dos jogadores que sinalize para uma conduta antiesportiva, tal como tem acontecido com alguns que, não concordando com a expulsão em uma partida, utilizam-se das mãos, em gestos provocativos que apontam o roubo, para expressar o desagrado ante a atitude tomada pelo árbitro. Estes jogadores tem sido punidos por tais atos.

diversos atores sociais que integraram e integram o campo esportivo, tais como ocorreu com os primeiros dirigentes e suas ligas esportivas, jogadores amadores e profissionais, juizes, cronistas esportivos, e mais recentemente com torcedores militantes, a mídia¹⁹, categorias como os preparadores físicos, médicos, psicólogos, nutricionistas e todo um universo empresarial de investimentos e de interesses que hoje gerencia os espetáculos futebolísticos.

BIBLIOGRAFIA

- ASSIS BARBOSA, Francisco. *A vida de Lima Barreto*. São Paulo, Itatiaia/EDUSP, 7ed., 1988.
- BARRETO, Lima. *Vida Urbana - artigos e crônicas*. São Paulo, Brasiliense, 1956.
- _____. *Marginália*. São Paulo, Brasiliense.
- _____. *Coisas do Reino de Jambom*. São Paulo, Brasiliense.
- _____. *Feiras e Mafuás*. São Paulo, Brasiliense.
- CANDIDO, Antonio. *A vida ao rés-do-chão*. In *A Crônica*. Campinas, Ed da UNICAMP/Fundação Casa Rui Barbosa, 1992.
- ELIAS, Norbert. *A Busca da Excitação*. Lisboa, Difel, 1995.
- LEITE LOPES, José Sérgio. *A Vitória do Futebol que Incorporou a Pelada*. São Paulo, *Revista USP*, nº22, 1994.
- MAZZONI, Thomaz. *História do Futebol Brasileiro*. São Paulo, Olympicus, 1949.
- MIGUEL-PEREIRA, Lucia. *Prosa de Ficção*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1957.
- NORONHA, Nico & COIMBRA, David. *A História dos Grenais*. Porto Alegre, Artes e Ofícios, 1994.
- RODRIGUES FILHO, Nelson. *Lima Barreto: jogando contra o futebol*. Rio de Janeiro, *Pesquisa de Campo - Revista do Núcleo de Sociologia do Futebol*, nº1 - UERJ, 1995.
- SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu Extático na Metrópole*. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.
- _____. *Futebol, Metrópole e Desatinos*. São Paulo, *Revista da USP*, nº22, 1994.
- _____. *Literatura como Missão*. São Paulo, Brasiliense, 4ed., 1995.
- SOUZA NEVES, Margarida de. *Uma escrita do tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas*. In *A Crônica*. Campinas, UNICAMP/Fundação Casa Rui Barbosa, 1992.